

de 30h semanais para funcionalismo

Perfil

FOTOS: ANDRESSA PUFAL/JC



Carlos Messalla nasceu no município de Gravataí, em 10 de abril de 1976. Tem Ensino Médio completo e é servidor público federal, trabalhando como funcionário concursado dos Correios. Foi delegado sindical do Sindicato dos Telefônicos do Rio Grande do Sul (Sinttel), ex-dirigente do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios e Telégrafos (Sintect-RS) e membro da comissão racial da Federação Nacional

dos Trabalhadores de Correios e Telégrafos (Fentect). Atualmente, é membro da Unidade Classe, onde atua na Fração Correios. Filiado ao PCB, nas eleições de 2020 foi candidato à Câmara Municipal de Porto Alegre e obteve 53 votos. Em 2022, candidato em chapa única, Messalla concorre pelo PCB ao governo do Estado, tendo como vice Edson Canabarro. Carlos Messalla é casado e tem três filhas.

grande empresariado da saúde. Mas a questão da carga horária é uma bandeira nacional nossa. Entendemos que as 44 horas semanais são algo arcaico para a vida que temos hoje, por todas as questões tecnológicas, todos os avanços que já tivemos. O tempo despendido lá atrás para fazer uma determinada função, hoje já se reduziu ao máximo. Em um primeiro momento, podemos fazer isso junto ao serviço público, mas queremos atingir toda a sociedade, queremos que todos os trabalhadores tenham a possibilidade de trabalhar por 30 horas semanais. O próprio ciclo econômico fará com que o empresário veja que tem funcionários mais saudáveis, que adoecem menos, que produzem mais, e ele está ganhando igual ou até mais do que ele já ganhava.

JC - Isso passa por algum estímulo ao pequeno empresário? De que forma?

Messalla - Entendemos firmemente que, se investirmos no pequeno e médio empreendedores na Capital, nos grandes centros e no interior do Estado, com a agricultura familiar, teremos todo esse ciclo econômico: vai gerar emprego, capital, a economia vai girar... e o Banrisul vai ser fundamental nisso, dando linhas de crédito a esses segmentos.

JC - A candidata à presidência do PCB, Sofia Manzano, fala em estatizar o agronegócio. Crê que isso seja viável em nosso Estado?

Messalla - Nosso partido entende a necessidade de estatização, de fortalecer o Estado. Isso não vai acontecer do dia para a noite. Um processo abrupto acho que traria até mesmo o caos, e não é o nosso interesse. O agronegócio gera um PIB alto para o Brasil, mas onde está esse PIB? Isso é um número, mas no momento em que conversamos, tem

gente revirando o lixo para ter o que comer, então alguma coisa está errada. O agronegócio tem que trazer alimentos para a nossa população. Em um primeiro momento, vamos conseguir implantar isso com o pequeno agricultor familiar, que hoje fornece 70% do que vem para a nossa mesa. Existe uma legislação que permite o confisco de terras ociosas, que estão há mais de três anos sem nenhuma utilização. Isso não é invenção nossa. Então vamos fazer um levantamento junto aos municípios. Nossa expectativa é que a ampla maioria das pessoas compreenda que isso será melhor, porque inclusive a gente não vai ter tanto agrotóxico. A gente vai conseguir acabar com a fome aqui no Estado e até poderemos levar (alimentos) para outros estados.

JC - O que pensa para sua estrutura de governo, no secretariado, por exemplo?

Messalla - É importantíssimo que a gente tenha secretarias específicas tanto para a questão racial, que debata profundamente esse tema dentro do nosso Estado, que traga a questão da matriz africana; a questão das mulheres é importantíssima, mas acho também que temos que nos aprofundar na questão de classe. Também acho que uma pasta voltada a políticas para a comunidade LGBTQIA+ seria importantíssima, e também para a questão indígena no Estado.

JC - Além dos números deficitários na Educação, o cenário de pandemia agravou a situação e ainda promoveu uma evasão massiva, principalmente no Ensino Médio. Como pretende abordar a questão?

Messalla - Minha leitura é que os quadros políticos, as lideranças que tivemos no Estado têm muito a ver com uma educação que formava seres pensantes, e não só mão de obra. Uma escola que nos faz pensar, questionar, dialogar, que nos faz vislumbrar outros horizontes e questionar a sociedade. Mas esse é o fato hoje: temos escolas que não têm luz, sem telhado... em alguns casos estão comprando vagas em escolas particulares para suprir essa deficiência, além da baixa remuneração dos professores, a terceirização de funcionários. É um cenário horrendo. A gente precisa reestruturar as escolas públicas, teremos de olhar todas as escolas que estão com problemas; junto com isso, fortalecer os servidores públicos, acabar com as terceirizações dentro das escolas, fazer concurso, porque também tem um déficit tanto de professores quanto de trabalhadores de escola, e com isso, onde houver possibilidade, começar imediatamente a fazer a escola de turno integral, mas, para que funcione, precisamos ter mais professores qualificados.

JC - Caso eleito, o que pretende implantar em termos de participação popular?

Messalla - Queremos formar grupos de trabalhadores no âmbito dos bairros, faculdades, sindicatos, escolas, pois é nesses locais que as coisas acontecem de fato. Queremos que esses mecanismos do poder popular possam trabalhar junto com a Assembleia. Os próprios trabalhadores organizados saberão da importância de dialogar, de estar em um diálogo

constante com os deputados. Vamos ter uma base pequena na Assembleia e não vamos conseguir passar mais projetos, então o poder popular é importantíssimo, a organização da classe trabalhadora. Se não houver uma organização realmente coletiva, o projeto do nosso governo talvez não ande.

JC - Justamente, o PCB está fazendo 100 anos no Brasil e ainda tem pouca representatividade legislativa. Ligado a isso, a cláusula de barreira impede que o partido esteja no horário eleitoral gratuito. Sem essa exposição, como sensibilizar o eleitorado de maneira efetiva?

Messalla - Não é uma tarefa fácil. Depois de ter vivido períodos de clandestinidade, a partir da abertura política (a partir de 1979, com a anistia), o partido teve uma leitura de se salvar das eleições burguesas, de ser um espaço somente de debate, de utilizar o espaço das eleições mais como um espaço de protesto, movimentação. Só que dentro de nosso processo revolucionário, há agora uma nova leitura, na qual estamos criando quadros, disputando eleições. Se formos ver, em boa parte dos estados, temos candidatos ao governo, à Assembleia, tudo isso, então temos uma leitura de que, sim, é importante disputar as eleições burguesas mesmo com todos os empecilhos que elas nos trazem, de falta de tempo de TV, de rádio, o que dificulta muito. Já temos um trabalho que é difícil, porque a população é bombardeada diuturnamente com informações de que a vida dela é assim mesmo, que ela vai ter que trabalhar, que ela não tem o tempo para descansar ou ficar com a família, e isso é normal. É um trabalho difícil mas que a gente faz não só nas eleições: vamos aos sindicatos, às faculdades, aos bairros, estamos em todos os movimentos populares, e vamos onde temos a chance de ir para divulgar nossas ideias, e para mostrar que, sim, temos ideias firmes, mas pensando no conjunto da classe trabalhadora, pensando no poder popular e em uma vida realmente diferente dessa que se apresenta hoje.

JC - Então é de fato uma mudança na estratégia de ação do PCB a partir de agora?

Messalla - Isso já vem de algumas eleições, acho que de três eleições para cá.